

REVISTA MARACANAN

Notas de Pesquisa

Uma nação fundada com lágrimas: uma análise da retórica nas cerimônias fúnebres do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1848)

A nation founded on tears: Analysis of the rhetoric utilized on funerals at the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1848)

Raphael Silva Fagundes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
raphaelsfagundes@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo busca analisar a estratégia retórica utilizada pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para a promoção de um projeto político que visava à construção de uma identidade nacional una e indivisa. As cerimônias fúnebres que ocorriam no aniversário do Instituto eram situações em que discursos carregados de emoções articulavam esse projeto político com os conflitos regionais que assolavam o Império ainda na década de 1840. Sendo assim, apreendendo a retórica como chave de leitura, podemos observar que os modos de "como tocar os ouvintes" foram agenciados de diversas maneiras, no entanto, nesta ocasião, concentrar-nos-emos nas lágrimas, no manejo das palavras para provocar um choro coletivo reforçando os laços de identidade entre os brasileiros que se encontravam na "festa literária" e os que liam a *Revista do Instituto* nas diversas províncias do Império.

Palavras-chave: IHGB; Retórica; Projeto nacional; Ordem Imperial.

Abstract: The present article intends to analyse the rhetoric strategy utilized by the members of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro to promote of a political project that aimed at the construct of a one and undivided national identity. The funerals that used to occur during the anniversary of the Institute were situations where speeches filled with emotion were utilized to articulate this political project with the regional conflicts that were ravaging the Empire in the 1840s. Therefore, apprehending rhetoric as a key of reading we can observe of the multiple ways of touching the audience were utilized, this article focus on how tears and words were used to induce a collective cry reinforcing the identity ties among Brazilians that were present at the "Festa Literaria" and the readers of the IHGB's Magazine in the different provinces of the empire.

Key words: IHGB; Rhetoric; National project; Imperial Order.

Artigo recebido para publicação em: Setembro de 2016

Artigo aprovado para publicação em: Dezembro de 2016

Não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente, não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos, mas fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não espontaneidade, e da obrigação perfeita.¹

Esse fragmento do artigo, “a expressão obrigatória dos sentimentos”, de Marcel Mauss, sobre o ritual oral dos cultos funerários de certos grupos populacionais australianos, revela que determinadas manifestações sensíveis humanas são obrigatórias em certas ocasiões, como o caso do choro. Na sociedade ocidental do século XIX, os homens aprendiam a controlar suas lágrimas desde a adolescência, derramando-as em situações que eram consideradas sinceras. A morte era uma destas situações. “O luto”, destaca Anne Vincent-Buffault, “permanece a situação onde as lágrimas masculinas são permitidas e até mesmo valorizadas: as efusões reais são reservadas às cerimônias fúnebres”.² O luto, de acordo com a autora, era a única brecha para as lágrimas do homem.

O objetivo deste artigo é utilizar a retórica como chave de leitura,³ a fim de analisar os elogios fúnebres e discursos, ao baixar da sepultura de alguns dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), falecidos entre os anos de 1838 e 1848. Esse período, que teve início na Regência de Araújo Lima, foi marcado pela reação conservadora que visava à centralização do poder imperial por meio do contingenciamento dos conflitos provinciais. Inclusive os sócios fundadores do IHGB (com destaque para Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho), de acordo com os estudos da professora Lucia Maria Paschoal Guimarães, foram ativos nesse projeto político que colocou o jovem imperador D. Pedro II, no poder.⁴

Como demonstra Arno Wehling, o IHGB, fundado em 1838, fazia parte de uma política cultural que visava ao “cultivo sistemático da memória nacional”, tão eficaz para os projetos de nação centralistas quanto medidas como a Lei de Interpretação do Ato Adicional, o Golpe de Maioridade, a Reforma do Processo do Código Criminal e a volta do Conselho de Estado. Tal política se resumia em três níveis: o plano literário, com a “busca da identidade nacional” através do romantismo e do historicismo; a fundação do Colégio Pedro II e do Arquivo Nacional, tendo o primeiro contribuído para consolidar a educação e a cultura ao redor do sentimento nacional e o segundo, para abrigar os documentos da administração pública nacional; e o IHGB, que, segundo Wehling, “é a mais concreta realização, no plano cultural”, dos objetivos que a política da elite queria atingir: a valorização da monarquia constitucional e da unidade nacional.⁵

¹ MAUSS, Marcel. “A expressão obrigatória dos sentimentos”. _____ . *Ensaios de sociologia*. Trad.: Luiz João Gaio e J. Guinsbug. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 325.

² VICENT-BUFFAULT, Anne. *História das Lágrimas*. Trad.: Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 201.

³ CARVALHO, José Murilo de. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, 2000. p. 123-152.

⁴ GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da Imediata Proteção Imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011. p. 43.

⁵ Cf. WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 33-34.

Os confrades do grêmio carioca fundaram a *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (R.IHGB)* em 1839, onde eram publicados discursos de cerimônias ligadas a datas marcantes tanto para a instituição como para a história política do Brasil. Para além dos necrológios que, por sua vez, serão alvos de nossa investigação, como o *Journal de l'Institut de Paris*, inspiração direta para a criação do periódico brasileiro, publicavam-se também transcrições de fontes históricas, trabalhos redigidos por sócios, além dos diplomas legais do Instituto.⁶ A *R.IHGB* abriga os textos que Manoel Salgado Guimarães chama de "textos de fundação", por promover uma "escrita da história do ponto de vista nacional"; criar a figura do historiador, que "compartilha com diversos especialistas do código letrado algumas características e tradições"; e por "escrever a história do Brasil a partir de procedimentos adequados, capazes de assegurar a verdade do narrado segundo os protocolos em construção e que começavam a vigir para esse tipo de escrita peculiar".⁷ Desde seus trabalhos mais antigos, Guimarães afirma que "a fisionomia esboçada para a Nação brasileira" projetada pelo IHGB e a historiografia desta instituição, cuidaram em reforçar "uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras".⁸

Para fortalecer a ideia de unidade nacional, forjando uma ideologia coesa que seria útil para o projeto centralizador, investiu-se intensamente em uma retórica ligada às emoções. Como nos mostra Temístocles Cezar, era do reduto oitocentista que emanavam as principais interpretações da história pátria, consubstanciadas por uma *retórica da nacionalidade* que buscava tanto conter e resistir à possível dispersão de um discurso, que se pretendia unívoco, quanto, por meio de seus associados, constituir-se como campo de saber, voltado para explicar a existência de uma nação ao longo do tempo formada por "brasileiros".⁹ Um dos elementos que faziam parte desse investimento retórico foi o uso ostensivo das lágrimas. Em situações comoventes, elas eram evocadas de modo intencional para articular a cenografia ao contexto político de então. A promoção de uma sensibilidade coletiva, através do choro em grupo de homens que compartilhavam a mesma emoção e o mesmo horizonte político de expectativa, foi de extrema importância para fortalecer os laços de unidade e aumentar o vigor do ideal centralista que dominava a "Casa da Memória Nacional".

A emoção é um dos principais elementos para tornar um discurso suasório. Aristóteles, por exemplo, é enfático ao dizer que "obtem-se a persuasão nos ouvintes, quando o discurso os leva a sentir uma paixão".¹⁰ Marco Túlio Cícero acreditava que é necessário conhecer o poder do orador, "sobretudo quando incita as mentes dos homens à ira, ao ódio ou à

⁶ GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. O periódico de uma société saviant: a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1889). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 37-49, jul.-dez./2012. p. 41.

⁷ GUIMARÃES, Manoel Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. CARVALHO, José Murilo de. (Org.). *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 99.

⁸ *Id.* Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n. 1, p. 5-22, 1988. p. 6.

⁹ CEZAR, Temístocles. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso das origens dos Tupis. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). *Estudos Sobre Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 29.

¹⁰ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d. p. 35.

indignação, ou quando reconduz tuas paixões à brandura e à misericórdia". É imperioso "um conhecimento completo dos temperamentos dos homens".¹¹ O emocional é o principal elemento que leva as pessoas a se inclinarem a uma tese. "Tanto é certo que o espírito e alma da Eloquência consiste propriamente nos afetos",¹² mostra-nos Fábio Quintiliano.

Patrick Charaudeau, em artigo muito citado pelos que se propuseram a analisar o discurso, acrescenta às etapas da atividade retórica¹³ uma tópica ligada à emoção, a *patemia*. Esta que, por sua vez, será composta por um conjunto de figuras, manifesta-se em meio às palavras de forma intencional, pois não é qualquer elemento emotivo que poderá ser usado pelo orador. É a situação comunicativa, perpassada por aspectos da interação social e das representações psicossociais, que propiciará o uso adequado de cada termo emocional, desencadeando um efeito patêmico.¹⁴ O manejo e a mobilização desse arcabouço passional empregado para se atingir um fim persuasivo são chamados por Charaudeau de *patemização*, alusão direta ao nível das provas retóricas que retêm as emoções do auditório: o *patos*.

O que está em jogo não é mais a lógica, mas o despertar da vontade; não estamos mais no nível racional do processo persuasivo, e sim no emocional, o que Górgias chamaria de *psychagogia*. O discurso envolve o ouvinte a ponto de fazê-lo aderir ao seu conteúdo voluntariamente. O orador deve mostrar-se emocionado, deve mostrar objetos que emocionam e, mesmo que os objetos sejam indiferentes a todos, é preciso torná-los emocionantes.¹⁵

A morte seria um momento propício para tocar os indivíduos, principalmente no século XIX, já que ela adquire um aspecto retórico e romântico. A morte do outro, segundo Philippe Aries,¹⁶ é cultuada despertando saudades e lembranças, ingredientes indispensáveis para construir a história da nação no século XIX.

Os elogios fúnebres, realizados na sessão magna de aniversário do IHGB, podem ser encarados como cerimônias de lágrimas que adquiriram um sentido político com o intuito de forjar um vínculo social ligado ao ideal de nação. A participação das lágrimas na Revolução Francesa mostrada por Anne Vincent-Buffault, ajuda-nos a compreender o poder da sensibilidade em momentos turbulentos:

Então, apostemos que essas lágrimas derramadas tão amiúde testemunham, talvez tanto quanto os discursos, a concepção do vínculo

¹¹ CÍCERO, Marco Tulio. *Do Orador*. SCATOLIN, Adriano. *A Invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I,9,235*. (Tese de Doutorado). USP, São Paulo, 2009. p. 156-157.

¹² QUINTILIANO, M. Fabio. *Instituições Oratórias*. Trad.: Jeronymo Soares Barbosa. Tomo Primeiro, Coimbra: Imprensa Real da Universidade, 1788. p. 440.

¹³ *Inventio, dispositio, elocutio, memória e actio*.

¹⁴ CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. MACHADO, Ida Lucia e MENDES, Emília. (Orgs.). *As Emoções no Discurso*. v. 2. Trad.: Emília Mendes. Campinas: Mercado das Letras, p. 23-56, 2010. p. 26.

¹⁵ PLANTIN, Christian. Pathos. Trad.: Roselene de Fátima Coito. CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, p. 371-371, 2004. p. 372.

¹⁶ ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Trad.: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 64.

social que anima esses conscientes a formular os primórdios de uma sociedade que não tem um verdadeiro precedente.¹⁷

No caso brasileiro, a ideia de um precedente era peculiar, pois o rompimento entre a colônia e o país independente era vista como um amadurecimento, e não como uma ruptura, ou uma revolução como na França. No entanto, o discurso das lágrimas foi usado em ambos os casos de forma contundente.

A ideia de revolução não era objeto de culto entre os primeiros sócios do Instituto devido às levezas daquele momento em particular. Buscava-se distância desse pensamento, pois poderia pôr em risco o ideal de unidade. Aliás, o passado recente que colocava, por sua vez, os próprios membros do Instituto em posições desconfortáveis em relação ao projeto político que se queria afirmar, foi arquivado, “esquecido”, no primeiro momento.¹⁸ Retoricamente esse passado foi selecionado e veio à tona apenas o que era conveniente.

É o caso do elogio fúnebre a Raymundo Cunha Mattos, um dos fundadores do grêmio carioca ao lado de Januário da Cunha Barbosa. Nessa ocasião, a “revolução” dos pernambucanos de 1817 foi condenada e se lamentou o fato de que “teve o Brasil de chorar a perda de alguns filhos ilustres, vítimas de um imprudente entusiasmo”.¹⁹ E foi com dor que o Instituto lembrou a morte do comandante que pôs fim à revolução que queria dividir o Brasil, segundo o exórdio da carta de Barbosa: “Cumpro um doloroso dever comunicando-vos que o nosso ilustre sócio e vice-presidente desta associação, o marechal de campo Raymundo [...]”²⁰

Os membros do IHGB que faleciam eram lembrados por meio dos valores sociais da época. A ideia de “benfeitor” e de se ter morrido despojado eram aspectos estimados ao lado do pranto. É o que vemos no elogio histórico do falecido sócio correspondente, o major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde:

Choraram-no os pobres de quem fora sempre esclarecido e generoso protetor, e que lhe deveram o estabelecimento de uma irmandade, e a construção de uma casa de caridade: faltou aos pais de família para quem havia feito organizar um colégio de educação de meninos, sob a invocação de S. Pedro de Alcântara... e o benfeitor daqueles povos foi sepultado na igreja dos religiosos Franciscanos daquela cidade [Cabo Frio], tendo falecido como bom e fiel católico, que sempre fora, na idade de 36 anos.²¹

Nos moldes do Instituto, esse era o tipo ideal de indivíduo que contribuía para o progresso da nação. Uma das missões da associação era “*propagar* (grifo nosso) pelas classes

¹⁷ VICENT-BUFFAULT, Anne. *Op. cit.*, p. 119.

¹⁸ GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Op. cit.*, p. 75.

¹⁹ BELLEGARDE, Pedro de Alcântara. Elogio histórico do vice-presidente marechal Raymundo José da Cunha Mattos. In: *R.IHGB*, 2. ed., Tomo 1, p. 221-223, 1856. p. 223. (1839) Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb_1839t0001c.pdf>. Acesso em: 15/05/2011.

²⁰ *Ibid.*, p. 225.

²¹ BELLEGARDE, Pedro de Alcântara. Elogio histórico do falecido sócio correspondente o major Henrique Luiz Niemeyer Bellegarde. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 226-232, 1908. p. 231. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?category=9&moduleId=147>> Acesso em: 13/12/2015.

menos ilustradas o brilhante lume que os primeiros fostes em acender neste continente”,²² declama o visconde de S. Leopoldo, presidente da associação e senador do Império. Ao organizar o colégio que, além de tudo, levava o nome do santo de grande apreço no Império, já que se aproximava da imagem de D. Pedro II, Niemeyer de Bellegarde estava cumprindo à risca o que dizia a cartilha do bom cidadão.

No elogio a Baltazar da Silva Lisboa, em 1840, o elemento religioso foi agenciado em meio ao patriotismo e ao ideal de bom cidadão, enquanto os olhos exsudavam lágrimas. Nessas ocasiões, o choro simbolizava o reconhecimento do homenageado como membro querido de uma família, possuidor de um caráter indubitável. Pedro de Alcântara Bellegarde declama: “Senhores – O despojo mortal que se oferece aos nossos olhos contristados é o do nosso ilustre consócio, do respeitável cidadão, do venerando concidadão nosso Sr. Balthazar da Silva Lisboa”. E continua: “[...] sábio amigo das letras e da pátria”. Era necessário “fazer passar aos descendentes, a aplicação, talento e patriotismo deste nosso ilustre concidadão”. Enfim, “a Providência Divina quis ao fim dar-lhe o descanso”.²³ As lágrimas vertidas misturavam a ideia de “ilustre consócio” ao de “respeitável cidadão”, como se uma coisa levasse imediatamente a outra, isto é, tacitamente, buscava-se salientar que ser integrante do IHGB era claramente um exemplo de admirável cidadania.

Os membros representavam através de lágrimas os sócios que lutaram pela independência ao lado de D. Pedro I, resistindo às intempéries políticas de 1822:

Pelo Sr. D. Pedro I foi despachado Juiz de Fora da imperial cidade de Ouro Preto, capital da já dita província [Minas Gerais]. Em princípio de outubro de 1822 se espalhou pela Província que em doze desse mês seria aquele príncipe aclamado Imperador do Brasil, e a Câmara de Mariana resolveu logo fazer também a aclamação. D. Manoel de Portugal, então governador, mandou chamar os vereadores dessa Câmara, para os punir de sua audácia; mas foi então mesmo que o nosso chorado sócio não duvidou convocar a câmara, de que era presidente, para na presença mesmo do Governador fazer a aclamação, que havia feito a Câmara de Mariana.²⁴

Um sócio chorado, um político, que em vez de ceder à pressão dos portugueses, decidiu-se pela independência da pátria, pela liberdade ao lado do imperador que, naquele momento, estava sendo aclamado. O cenário para o pranto estava pronto.

As lágrimas não podiam parar de cair porque elas eram fundamentais para promover uma sensibilidade que serviria de combustível para a formação da nação brasileira. Todavia, além da situação lacrimajante ser preenchida pelo ideal de bom cidadão, resgata-se também o de bom membro de família, misturando, desse jeito, as duas esferas (pública/privada) a fim de

²² SÃO LEOPOLDO, Visconde de. Discurso de abertura. *R.IHGB*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de L. P. da Costa, p. 1-4, 1842. p. 3. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1842t0004c.pdf>>. Acesso em: 15/06/2011.

²³ 45ª Sessão em 17 de Agosto de 1840. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3. ed., Tomo II, Imprensa Nacional, p. 417-422, 1916. p. 422. (1840). Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1840t0002c.pdf>>. Acesso em: 10/03/2011.

²⁴ SERQUEIRA, Thomaz José Pinto. Elogio Histórico dos membros do Instituto falecidos no terceiro ano social. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo III, Tipografia de D. L. dos Santos, p. 538-547, 1841. p. 541. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1841t0003c.pdf>>. Acesso em: 13/07/2011.

fortalecer o sentimento nacional: "Bom filho, bom irmão, bom amigo, e bom cidadão, foi duas vezes casado: sua segunda mulher chora hoje o mais carinhoso dos esposos; seus quatro filhos, ainda na infância, o mais terno dos pais".²⁵

Mas, sem dúvida, as sutilezas da facúndia adquirem um caráter mais denso quando contagiadas pela repetição:

[...] e em tão breve espaço de tempo sete vezes a foice da morte tem feito correr de nossos olhos amargas lágrimas! Sete vezes a lousa do sepulcro foi levantada, para depois nos esconder para sempre sete de nossos sócios, que tanto mereceram da humanidade.²⁶

A repetição pode ser considerada uma figura de retórica que busca intensificar o sentido das questões apresentadas pelo orador com um consequente aumento do enunciado,²⁷ obtendo com ela uma musicalidade evocativa, rítmica que, com facilidade, adentram os ouvidos.²⁸ A repetição do número sete – diga-se de passagem, muito misterioso na história judaico-cristã –, neste caso, foi proposital para dar melodia ao discurso, emocionando ainda mais os ouvintes.

Os sentimentos eram externados e, por meio da retórica, ganhavam pujança mesmo que o ouvinte não ficasse feliz com o que estava ouvindo. A sinceridade, o sentimento verdadeiro, funde a unidade e por si só torna-se motivo de comoção:

[...] e se nos minguados talentos do Orador, nem no delineamento do plano, nem nas artes do estilo podem acertar de o fazer feliz, terá ele ao menos a consolação, e por certo a tem, de dizer o que sente, em frase singela, e com palavras de verdade.²⁹

Português enraizado no Brasil, o orador Diogo Soares de Bivar era mais um envolvido nesse projeto político nacional, assim como outros membros do Instituto oriundos da antiga metrópole que chegaram ao Brasil com a transferência da Família Real, em 1808, tomando parte no processo de independência e assumindo cargos e funções de destaque no Primeiro Reinado. Após a abdicação, esses portugueses foram alijados do aparato do governo, mas mantiveram certa intimidade com a Quinta da Boa Vista, residência do futuro monarca do Império,³⁰ fornecendo sua destreza retórica para a realização dessas tocantes cerimônias do recinto letrado.

No "Discurso que na sepultura do finado Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga", o orador Manuel de Araújo Porto-Alegre já começa invocando as lágrimas para cativar o auditório:

²⁵ SERQUEIRA, Thomaz José Pinto. *Op. cit.*, p. 542.

²⁶ *Ibid.*, p. 538.

²⁷ FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 31.

²⁸ GUIMARÃES, Elisa. "Figuras de retórica e argumentação". In: _____. (Org.) *Retóricas de Ontem e de Hoje*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, p. 145-160, 2004. p. 154.

²⁹ BIVAR, Diogo Soares da. Elogio histórico de Francisco Agostinho Gomes. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo IV, Imprensa Americana de L. P. da Costa, p. 28-35, 1842. p. 28. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1842t0004c.pdf>>. Acesso em: 15/06/2011.

³⁰ GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Op. cit.*, p. 38.

Não é em presença de um cadáver, quando todos os ânimos se acham contristados perante a mais séria e a mais eloquente de todas as realidades, no meio de corações contristados, do luto e do pranto dos amigos, que devemos desenrolar o panorama da vida mundana, por mais pomposo e ilustrado que ele tenha sido.³¹

Era a visão transcendental que Porto-Alegre pretendia resgatar aqui; do significado desse indivíduo após sua morte, isto é, das marcas que deixou na nação. A situação do sepulcro por si só é eloquente, visto que ela reúne as pessoas e toca todo o ser senciente. Por mais que o orador buscasse não falar da vida do falecido em questão, trazia à tona elementos que o transformavam em exemplo, um exemplo para que outras vidas seguissem; um homem de família que ficará na história:

Como ele, milhões de filhos, irmãos, amigos, esposos, pais e cidadãos, já fizeram esta terrível transição, circulos das lágrimas de seus parentes e amigos, cuja existência apenas nos é representada por um nome na lembrança dos vivos ou nas páginas da história.³²

Resgatando os valores compartilhados, aproxima-se o falecido em questão, figura ilustre, com as elites letradas espalhadas pelas províncias. Administra-se um relacionamento. Edifica-se uma identidade. Mas o que provoca o choro nos brasileiros é o fato de um homem, que tanto fez pela pátria, um verdadeiro herói, ser, por sua vez, frágil, humano e vulnerável à lâmina da morte. Todavia, o choro eternizará esses indivíduos, inexoravelmente.

Um bom brasileiro é proveniente de uma boa estirpe. É por esse caminho que as palavras de Porto-Alegre ressoam ao falar sobre “o ilustre membro desta família que deu à pátria Evaristo Ferreira da Veiga”. Uma família cujas lamúrias nunca seriam exageradas:

Os seus talentos, perspicácia, e honradez, foram um móbil de uma carreira tão rápida e tão brilhante: era o seu sangue o sangue de Evaristo Ferreira da Veiga, e o desse benemérito cidadão que tem enxugado tantas lágrimas, socorrido tantos órfãos, tantas viúvas e desgraçados!!!³³

“Bernardo Jacinto da Veiga, como chefe e membro de família, foi um homem exemplar, e são estas as virtudes principais que podem adornar o bom cidadão.”³⁴ É imprescindível ressaltar a utilidade dos letrados no momento conturbado pelo qual o Império passava. Esses indivíduos eram de importância capital para a continuação do projeto político que visava pôr fim aos conflitos provinciais e cominar, de uma vez por todas, a perspectiva da Corte como a dominante em relação às experiências políticas das outras regiões do país. A imagem que esse centro gravitacional projetava era a de unidade e, de uma maneira peculiar, almejava

³¹ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Discurso que na sepultura do finado Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga. In: *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo Sétimo, n. 25, Imprensa Americana de I. P. da Costa, p. 271-272, 1845. p. 271. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1845t0007c.pdf>>. Acesso em: 25/10/2011.

³² *Ibid.*

³³ PORTO-ALEGRE. *Op. cit.*, p. 272.

³⁴ PORTO-ALEGRE. *Op. cit.*

expandir-se para dentro das fronteiras, e não para fora, como a ambição dos impérios tradicionais.³⁵ “É um quadro doloroso para o pensamento o ver-se desaparecer um homem na época em que é mais útil aos seus e a pátria [...] roguemos todos por alma do nosso irmão e consócio Bernardo Jacinto da Veiga.”³⁶

No “Discurso do Sr. Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa na ocasião de baixar a sepultura do Membro honorário o Sr. Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva”, realizado em 1845, revela-se outra importante linhagem. Trata-se do irmão de José Bonifácio. Parece dizer aos ouvintes para que abrissem seus corações e não relutassem à dor da perda: “Suspendei-vos, lágrimas! Deixai que alce a minha débil voz, e patenteie em acanhado quadro as virtudes cívicas do grande orador e imortal protagonista de nossa Independência! [...]”³⁷ O choro não seria para qualquer um, mas sim para o “imortal protagonista da nossa Independência”.

Um dos principais símbolos da monarquia constitucional foi resgatado ao lado dessa cena emotiva: a Constituição. Os Andradas eram admirados como uns dos heróis que deram o suor para que esse monumento liberal fosse concretizado, por isso a morte desse cidadão honrado era uma lástima e, sem dúvida, não seria nenhum excesso a efusão de lágrimas naquele singelo panegírico:

E tão prestante cidadão morreu! E dentre nós passou-se o nobre Andrada, o último que nos ainda restava, o denodado campeão de nossas liberdades, autor e baluarte inexpugnável da Constituição Brasileira!... Choremos, concidadãos, choremos amargo pranto, deploremos o vácuo que nos deixa, e que por largo tempo não há de ser enchido; e nós, membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cumpramos saudosos e derradeiro dever para com o nosso sábio consócio, lançando tristes flores sobre a campa, que para todo o sempre no-lo vai esconder de nossos olhos.³⁸

A concepção do sentimento ligado à saudade, outro tipo de expressão que emerge ao longo do ritual fúnebre, avigora-se. Sabe-se que somente a língua portuguesa expressa esse sentimento através de uma palavra. Mas cada contexto dá a ela um sentido específico. Segundo Durval Nuniz de Albuquerque Júnior, o romantismo português criou um discurso saudosista. “A saudade – ausência de algo ou de alguém historicamente situados – torna-se o sentimento universal e a-histórico que os românticos tentam construir”.³⁹ A palavra passa a

³⁵ MATTOS, Ilmar Rohloff de. O gigante e o espelho. KEILA, Grinberg. SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil imperial. 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 13-51, 2009. p. 41.

³⁶ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Discurso que na sepultura do finado Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga. In: *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo Sétimo, n. 25, Imprensa Americana de I. P. da Costa, p. 271-272, 1845. p. 272. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1845t0007c.pdf>>. Acesso em: 25/10/2011.

³⁷ 144ª Sessão em 23 de dezembro de 1845. In: *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo Sétimo, n. 25, Imprensa Americana de I. P. da Costa, p. 570-579, 1845. p. 577. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1845t0007c.pdf>>. Acesso em: 25/10/2011.

³⁸ 144ª Sessão em 23 de dezembro de 1845. *Op. cit.*, p. 579.

³⁹ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história”. In: ERTZOGUE, Mariana Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. (Org.) *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, p. 117-139, 2006. p. 123.

ser a forma pela qual o romantismo português pensava o tempo. "Saudade e história trariam de volta o mais grandioso e heroico que os homens ou nós mesmos pudemos fazer ou ser [...]"⁴⁰ A obra de Alexandre Herculano, por exemplo, volta a um passado antes da monarquia, no tempo das aldeias e vilas. Apesar da mesma língua, os brasileiros não usavam tal palavra com o intuito de resgatar um tempo de glória. O passado brasileiro misturava-se ao português devido ao período colonial. A independência, no entanto, inaugurou um novo tempo, uma nova perspectiva temporal voltada para o futuro. Tendo como engrenagem o progresso.⁴¹ A saudade manifestada naquelas cerimônias era dos homens que participaram da construção do novo país.

Somente a partir dessa perspectiva é possível compreender as palavras de Porto-Alegre ao dizer que Januário havia feito um voto, "nesse retiro dos filósofos, e aí trabalhava com o ardor da crença no futuro, com um fanatismo patriótico [...]"⁴² Em seguida, conclui: "todos estes nobres dotes o constituíram digno de nossa gratidão, de nossa saudade, e o proclamam altamente um dos beneméritos da pátria".⁴³ A saudade era de um homem que compartilhava a crença em um futuro próspero.

As lágrimas estavam, na maioria dos casos, relacionadas aos princípios do cristianismo e à pátria. Ainda sobre o discurso de Porto-Alegre de 1846, vemos o orador lamentar a perda de dois membros do Instituto que faleceram em um único dia:

Já não tenho lágrimas bastantes para chorar tantas perdas! A morte, esvoaçando em torno do meu coração já tão cansado de sofrer na terra, me rouba no mesmo dia dois amigos, e arranca do seio do nosso Instituto dois membros: um coberto de louros, na idade da madureza das ideias; o outro, astro que se erguia no horizonte brasileiro para brilhar em seu céu com essa luz evangélica que doura a fronte de um século, e eleva o nome da pátria a essa categoria de luzeiro da civilização.⁴⁴

Depois de transbordarem por estar cheios d'água, os olhos pareciam secar. Contudo, o drama parecia ser muito mais pungente pelo fato de a morte implacável ter levado a pureza de um jovem virgem e a de um cônego que, por sua posição religiosa, não se envolvia com atividades sexuais e mundanas. A pureza e a "luz evangélica" constroem a pátria brasileira. Foram dois falecidos que em vida dedicaram-se exclusivamente à nação e à religião: "o modesto literato Antonio Francisco Dutra e Mello vai ser encerrado na morada dos mortos, virgem como nasceu, e que o Brasil deve chorar também a sua perda, como chora a do benemérito cônego Januário da Cunha Barbosa".⁴⁵

Diversos elementos sensibilizantes rondavam a imagem de Januário da Cunha Barbosa. Dessa maneira, falava-se que "seu coração jamais teve rancor, e sua alma generosa nunca

⁴⁰ JÚNIOR. *Op. cit.*, p. 124.

⁴¹ ARAUJO, Valdeí Lopes de. *A Experiência do Tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 186-7.

⁴² 145ª sessão em 8 de março de 1846. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 3, p. 144-152, 1846. p. 147. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1846t0008c.pdf>>. Acesso em: 30/09/ 2011.

⁴³ *Ibid.*, p. 149.

⁴⁴ 145ª sessão em 8 de março de 1846. *Op. cit.*, p. 147.

⁴⁵ *Ibid.*

inquinou seus lábios na taça da vingança".⁴⁶ Em seguida o orador destaca, "Ai do desgraçado que não compreende a nossa dor".⁴⁷ Todos são obrigados a entender a expressão obrigatória dos sentimentos que eram manifestados naquela atmosfera lutuosa. A imagem de generosidade, de dor e de outros elementos que davam roupagem ao discurso preparava o terreno para o momento do choro, choro este que deve estar relacionado ao sentimento nacional. Januário foi "um dos criadores desta pátria", "um dos constituidores desta nova monarquia", e "um constante sustentáculo da liberdade bem entendida". "Está completa a sua missão na terra. Choremos com saudade eterna por aquele cujos restos vão ser separados de nós eternamente, pelo nosso ilustre amigo, pelo nosso secretário perpétuo o cônego Januário da Cunha Barbosa."⁴⁸ Em seguida é mencionado o efeito do discurso: "Silencioso e com profunda dor ouviu o Instituto a leitura do discurso supra".⁴⁹ De fato, parecia que aquelas tristes palavras que ribombavam o ambiente estarreciam os seus habitantes.

A expressão do sentimento era de suma importância para desencadear o sentimento político de união. Todo o Instituto sentia a mesma dor: "O Instituto vê sempre com acerba dor quando algum de seus membros engrossa a lista dos finados",⁵⁰ diz Porto-Alegre no elogio aos sábios de 1844. E concluiu por meio de uma estratégia retórica que busca exaltar o objeto da fala, nesse caso, os membros falecidos. O autor se rebaixa perante a grandeza do objeto: os sócios cuja pulsação vital fenecera devido à tragédia inexpugnável da morte: "Perdoai, Srs, se um instrumento tão rústico e imperfeito não soube elevar-se à altura de um sujeito tão nobre, qual o de traçar as virtudes e luzes dos nossos finados consócios, cuja perda o Instituto chorará enquanto existir".⁵¹ Não haveria loquacidade tão altiva que pudesse falar de tão grandioso assunto. Qualquer texto recitado, por mais magníloquo que fosse não passaria de mera parcimônia. Dessa maneira, Porto-Alegre deixa as lágrimas para o último momento de seu discurso, fechando-o e revelando que o pranto eternizará estes homens ilustres, já que o Instituto chorará a morte deles enquanto existir.

Em 1848, o IHGB publica um número suplementar da *R.IHGB* com o objetivo de divulgar a *Oblação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro da memória de seu presidente honorário o Senhor Dom Affonso, augusto primogênito de Suas Majestades Imperiais* fruto de uma cerimônia regada a muitos choros, mas que marcava também o vínculo emocional entre o IHGB e o Império do Brasil. Valores políticos, religiosos, morais, entre outros, assinalam presença nas aloquções que visavam despertar as emoções nos ouvintes. É o que se pode detectar no discurso do presidente do IHGB, Cândido de Araújo Vianna, que abre a cerimônia:

⁴⁶ 145ª sessão em 8 de março de 1846. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 3, p. 144-152, 1846. p. 149. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1846t0008c.pdf>>. Acesso em: 30/09/2011.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 150.

⁴⁸ 145ª sessão em 8 de março de 1846. *Op. cit.*, p. 151.

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Elogio dos sócios neste 6º ano Acadêmico. *R.IHGB*. Rio de Janeiro, n. 21, abril, Tomo Sexto, p. 36-45, 1844. p. 36. Disponível em:

<<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1844t0006c.pdf>>. Acesso em: 20/08/2011.

⁵¹ *Ibid.*, p. 45.

Em tanta calamidade, Senhores, eu vi o dedo de Deus, conheci o efeito da cólera celeste, não pude refrear o pranto: e qual seria o brasileiro que pudesse tanto? Maldito seja o homem que em transe tão apertado se envergonha de chorar; que em deixar correr as lágrimas não se avilta ninguém!⁵²

Naquela situação não era vergonhoso chorar, pelo contrário, quem não chorasse não seria digno de ser brasileiro. Chegamos ao ponto em que chorar não só era permitido, mas também uma expressão obrigatória do sentimento, o ritual fúnebre apresenta-se como uma brecha legítima para a manifestação lacrimal do homem oitocentista.

A saudade é resgatada novamente como um dos componentes desse choro coletivo ao lado da dor. O IHGB, declama o futuro marquês de Sapucaí, “consagra a manifestação de sua dor e saudade”. É um dia em que se lembra dos detalhes pessoais e íntimos que podiam, por sua vez, sensibilizar os ouvintes. “No malfadado dia 11 de junho tocado havia meus lábios a mimosa dextra do Príncipe que pranteamos.”⁵³

Assim, naquela mesma sessão, após o intervalo preenchido pelas vibrações dos violinos e violoncelos, foi pronunciado o discurso de Silva Maia, onde o estilo era venerável. Citações e referências foram organizadas de tal forma a misturar o religioso e o leigo como no teatro grego. O professor do Colégio Pedro II faz uma referência a Jeremias cap. 9, vers. 18: “destilem lágrimas os nossos olhos, e as nossas pálpebras se alaguem de rios d’água”. No parágrafo seguinte faz menção a Horácio, livro 1º, Ode 24: “Quem poderá condenar o justo pranto que dos olhos nos faz verter tão grande perda?” (Quis desiderio sit pudor aut modus tam cari capitis!).⁵⁴

Porto-Alegre teve um papel de destaque na *Oblação*, já que era o orador oficial desse tipo de cerimônia. Usando a imagem de um sonho alegre no qual o baque da realidade atordoava o sonhador que desperta abruptamente, ressalta: “Foi um perfumado, um sonho luminoso, uma dessas viagens etéreas, cujo despertar é de trevas e pranto!”⁵⁵ Em seguida continua: “É triste o acordar de um sonho de delícias; é de certo aterradora a vigília de lágrimas e de desespero”.⁵⁶ Esse sonho era a seguridade do Império que parecia se perder concomitantemente à perda de seu herdeiro. O futuro agora se torna incerto e as imagens de sofrimento vêm à tona: “os gemidos do filósofo, as lágrimas do patriota, todas as ideias providentes se harmonizam num ponto sublime, no concerto grandioso de uma ideia generosa e criadora, que se desvaneceu”.⁵⁷

⁵² VIANNA, Cândido José de Araújo. Discurso do Presidente. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 9-17, 1891 (1848), p. 9. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁵³ *Ibid.*, p. 8.

⁵⁴ MAIA, Emilio Joaquim da Silva. Discurso. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 32-38, 1891. p. 36. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁵⁵ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Discurso do orador. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 10-17, 1891. p. 10. (1848) Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 11.

⁵⁷ PORTO-ALEGRE. *Op. cit.*, p. 13.

Em meio a essas espasmódicas palavras, a solução apresentava-se de forma peremptória: entregar o destino do Império a Deus. Ele consolaria os corações desesperados que se importavam de fato com o futuro da pátria: “[...] só Deus seca as lágrimas no rosto do infeliz, e desmaia os quadros da memória, encobrendo através do tempo essas cenas lutuosas que fazem da vida uma pêndula, que oscila entre os risos da esperança e as lágrimas do infortúnio”.⁵⁸

Toda essa cerimônia lacrimajante deve iluminar o ideal de família, pois se tratava da trágica morte de um membro da família imperial. Na atividade retórica, o imperador e a imperatriz tornavam-se pais comuns, apoderados de sentimentos similares aos dos cidadãos de bem. A dor pulveriza as fronteiras de classe e iguala os sofredores. “Desgraçadas mães, desgraçados pais, que [...] nem rojados por terra, mergulhados nos transe mais pungentes da dor, suplicando e chorando podem reter nos lábios de seus filhos essa aura invisível, essa vida fugitiva [...]”⁵⁹

Além de envolver os ouvintes no discurso, o orador apropriou-se de outros valores disseminados na sociedade quando ressaltou a imagem de mãe e de esposa da imperatriz Teresa Cristina. Fala-se do coração paterno como vítima da desesperança, das “tempestades da terra”, mas “este sublime reflexo do mundo d’alma, duplica de majestade e de heroísmo quando se opera no coração da mulher, no coração de uma mãe!”⁶⁰ A mulher sentia mais, era indubitavelmente mais frágil e carente que o homem.

No entanto, seria de salutar importância destacar que entre as frases que se referiam aos sentimentos da mãe, falava-se da “catástrofe medonha para o Império”.⁶¹ Nesse ponto, o uso de emoções para reforçar argumentos políticos era ainda mais evidente. Constata-se o poder suasório das emoções.

A Providência não perdoa ninguém, ela escolhe um alvo para servir pedagogicamente de exemplo à humanidade. “Se a Providência prepara estas grandes catástrofes nos pontos mais culminantes da humanidade, junto dos tronos que ela dirige, para que os príncipes colham na escola do pranto a experiência da desventura.”⁶² Nesse caso, o caminho certo a ser seguido era o da monarquia, a morte de um príncipe era a constatação de que, através deste regime, a Providência pretendia nos ensinar, submetendo-nos ao choro, pois é por ele que se aprende.

Eram palavras vibrantes que transbordavam emoções por todos os lados: “A voz do vosso orador, semelhante à do hino da catedral, se rola sobre vossas cabeças os sons festivos

⁵⁸ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Discurso do orador. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 10-17, 1891. p. 14. (1848) Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 14.

⁶⁰ PORTO-ALEGRE. *Op. cit.*, p. 15

⁶¹ PORTO-ALEGRE. *Op. cit.*, p. 16.

⁶² PORTO-ALEGRE. *Op. cit.*

de um dia triunfal, também vos anuncia as horas de agonia e de pranto!”⁶³ A voz do orador se igualava à missa da Igreja que fala em dias festivos e em dias calamitosos. A potência da fala, com esse teor religioso misturado aos outros valores e saberes compartilhados pelos membros daquela sociedade, dava brilho ao discurso provocando lágrimas.

Nesse mesmo número complementar da *R.IHGB*, vemos elogios a Januário da Cunha Barbosa e a Raymundo da Cunha Mattos, os dois fundadores do IHGB que já haviam falecido. O “elogio histórico geral dos membros falecidos” feito pelo orador Manuel de Araújo Porto-Alegre é extremamente comovente. Segundo Porto-Alegre, aquela homenagem revela “a nossa saudade, o nosso reconhecimento para com os dois principais fundadores do Instituto Histórico”.⁶⁴

Prosaicamente a saudade se conectava ao pranto e, as palavras, embora tristonhas, faziam-se melífluas, doces, como nesse “canto inaugural” de Joaquim Norberto Sousa e Silva dedicado a Januário da Cunha Barbosa:

Toda cheia de susto Guanabara
Ergue os braços aos céus, dos olhos ternos
O pranto da saudade se lhe entorna [...]
Ouviu o bronze gemedor chorando
Com sons mistos, tão lúgubres, quebrados,
Que as almas embebia de tristeza [...]”⁶⁵

E após dizer em frases rimadas que o falecido viu nascer um “povo de irmãos” e a “infância de um império”, relata a emoção que veio após o término da proclamação dessa comitativa fúnebre, chamada Guanabara, que louvava Cunha Barbosa em poesia:

Disse e calou-se, mergulhada em pranto,
E viu ao longe o fúnebre saimento
Grave a caminhar; - em dor pungente
Chorando todo um povo a sua falta.”⁶⁶

Essa cena de tristeza marcou os dez anos do Instituto Histórico. Mas, por que comemorar por meio de lágrimas? Sem dúvida, elas marcam a fundação da nação e são, por sua vez, de extrema utilidade para unir os ouvintes através da comoção. O projeto político de centralização foi se forjando por meio dessas palavras tocantes, exprimindo um sentimento de comunhão.

Para corroborar a nossa resposta, podemos observar o poema de Joaquim Manoel de Macedo nomeado, “O amor da glória”, que narra a história do exílio do homem na terra,

⁶³ *Id.* Elogio histórico geral dos membros falecidos. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 150-185, 1891. p. 150. Disponível em:

<<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁶⁴ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Discurso do orador. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 219-234, 1891. p. 219. Disponível em:

<<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁶⁵ SILVA, Joaquim Norberto Souza e. Canto inaugural. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 266-275, 1891. p. 269-271. Disponível em:

<<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 272.

banido do Paraíso, e a criação do amor pela pátria e pelas coisas terrenas, como a família, para sucumbir ao desejo contumaz de voltar para o Céu. O patriotismo é uma criação divina de acordo com esse poema; no entanto, o fardo horrível de ter que viver na terra fez com que o homem chorasse descomedidamente até possuir o glorioso amor à pátria: "E que durante o exílio da terra ele havia de chorar lágrimas mil vezes mais amargas do que as que choraram as virgens de Bizâncio no vale de Demona, e os pobres cativos de Sião nas margens dos rios da Babilônia".⁶⁷

Em seguida, evoca-se, em uma sessão do poema voltada ao pranto vertido pelo sábio, que este vive em uma terra arrasada e desunida, na qual Deus intercede e manda um "mancebo", que, nesse caso, seria D. Pedro II, para pôr fim às lágrimas e guiar a pátria à glória:

[...] até bem pouco o amor da glória era entre nós o único incentivo que animava as letras.
E o sábio, que o sentiu, chorou no silêncio da noite a miséria e a cegueira dos outros homens.
Porque a terra do lenho sagrado estava conquistada pelo egoísmo, e manchadas pelos vícios [...]
E o senhor Deus viu as lágrimas do sábio, e mandou um anjo para consolar o homem junto em sua aflição.
E o anjo veio pousar no ombro do sábio, e em nome do Senhor Deus lhe falou assim:
"As lágrimas do sábio são torrentes de poesia, e nunca ele se faz tão agradável ao Senhor, como chorando sobre a miséria dos outros homens, e bradando seus crimes [...]".⁶⁸ (Grifo do autor)

Aqui, Macedo deixa claro que são os sábios, com o auxílio de Deus, os arquitetos da pátria, mas não sem passarem pela sensação de ter os olhos inchados de tanto chorar. Continuam as palavras do anjo para o sábio desconsolado:

E as lágrimas do sábio assemelham-se ao orvalho benéfico, que lenteja o seco vale, e fertiliza os campos áridos.
E tua dor é a dor do homem justo; e o Senhor é infinitamente bom, e vê o pranto de seus filhos.
E ele envia a terra de seu lenho um mancebo predestinado [...]
E esse mancebo trará sobre os seus ombros a púrpura dos reis...
o mancebo predestinado de diadema de estrelas foi mandado à terra da Santa Cruz pelo Senhor Deus.⁶⁹

A história da luta pela unidade e, conseqüentemente, contra os conflitos que assolavam o Império, começa, de acordo com o poema, pelo clamor do sábio. A esperança, por sua vez, se concretiza com a chegada de D. Pedro II, "ungido pelo Senhor Deus", ao trono. Uma história digna de poesia.

⁶⁷ MACEDO, Joaquim Manoel de. O amor da glória. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 276-284, 1891. p. 277. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 282.

⁶⁹ MACEDO. *Op. cit.*, p. 283.

É curioso como outros recursos argumentativos são agenciados para provocar comoção entre os ouvintes, mesmo sem usar os vocábulos ligados às lágrimas. Situações foram descritas remetendo-se diretamente à tristeza e à melancolia. Esse é o caso do panegírico a Raymundo da Cunha Mattos. O sócio correspondente, o Sr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, declama na ocasião que o falecimento da filha de Cunha Mattos modificou radicalmente os ânimos do pai levando-o ao sepulcro:

Aquela filha, que era a parte mais querida de sua alma, o bordão de sua velhice, a sua secretária íntima, e o reflexo do seu espírito, deixou esse pai inconsolável, até que uma doença consumidora o riscou do livro da vida, e o tombou nos fastos da morte a 2 de Março de 1839.⁷⁰

Um homem que tanto prezava pela família, como todo bom cidadão, quando perde a filha não resiste, vive o resto da vida em pura tristeza até a extinção.

Sendo assim, por um lado, as lágrimas escorriam pela face dos cidadãos brasileiros devido às estacas cravadas no coração da nação por interesses locais, um óbice para a consolidação do projeto político centralizador defendido pelos membros do grêmio carioca, enquanto que, por outro, a tristeza lacrimejante se justificava pela perda de personalidades úteis para a pujança de tal diagrama de poder. As lágrimas, ao lado da retórica cristã, projetavam um sentimento reconciliador, unificando os indivíduos por meio da saudade desencadeada pela dor e pelo pranto. O discurso reunia fortes argumentos que sentimentalizavam os expectadores, vistos ali como parte de uma família imaginária, por isso a repetição de termos como "irmão", "pai" etc. O uso oratório das emoções nos mostra um caminho rico para a compreensão do processo de construção da identidade nacional ao longo do século XIX, e sem dúvida, ainda há muito para se pesquisar.

Raphael Silva Fagundes: Graduado em História com mestrado em História Política no Programa de Pós-Graduação da UERJ com o tema "O poder da persuasão: a retórica nas celebrações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1850)" e doutorando pela mesma universidade. Possui publicações na área de Império do Brasil que abordam as práticas retóricas dos membros do IHGB no projeto de consolidação da monarquia.

⁷⁰ ALMEIDA, Francisco Manoel Raposo. Elogio histórico do marechal Raymundo da Cunha Mattos. In: *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2. ed., Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 234-240, 1891. p. 239. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1848t0011c.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.